

Artigo de Opinião

As opiniões expressas neste artigo são da exclusiva responsabilidade do seu autor e não representam necessariamente a opinião da ICF Portugal.

E qual vai ser a evolução do coaching em Portugal?

O coaching é uma profissão, indubitavelmente, e já muita gente se orgulha de dizer que tem um coach que o vai ajudar a alcançar os seus objectivos e a potenciar o seu desenvolvimento pessoal, uma melhor tomada de decisão através de um pensamento mais claro, e esta clareza de pensamento vai tornar todo o processo mais leve e mais fluído.

E se é verdade que nas organizações, e em particular nas multinacionais, o coaching está presente no quotidiano, tendo algumas mesmo coaches internos, o coaching ainda se encontra ausente de muitas a nível nacional, e ainda mais a nível individual; ou seja longe do cidadão comum.

A tendência é que o coaching saia do seu nicho de especialização em escolas de coaching e que o ensino se alargue às universidades. Creio, todavia, que a falta de regulamentação a nível nacional, e mesmo internacional, e a falta de medidas fortes por parte de organizações reconhecidas, como é o caso da ICF – Internacional Coach Federation, para profissionalizar o coaching, juntamente com todas as confusões e anexações que têm sido feitas a outro tipo de práticas, tem gerado uma onda de desconhecimento sobre o coaching e denegrado a imagem de muitos dos seus profissionais.

Ora vejamos:

- A proliferação de escolas que formam coaches, e muitas de qualidade questionável, é absolutamente assustadora; além de que as formações e certificações que oferecem são muito díspares em termos de programas e até de duração dos mesmos;
- as universidades já começaram a oferecer programas de coaching; por exemplo, pós-graduações e mestrados, o que também encarece a formação dos coaches;
- a investigação ainda está no seu início, mas acredito que irá ter um enorme impacto no reconhecimento da profissão e na perceção que irá ter junto dos clientes. Aliás, refira-se a qualidade dos relatórios emanados anualmente pela ICF.
- as terapias, essencialmente psicologia e psicoterapia oferecem práticas que se aproximam muito das abordagens de coaching, ou com pontos de contacto (por exemplo, mindfulness), o que irá provocar alterações significativas num futuro próximo.

Face a tudo isto, coloca-se a questão: E O que vai acontecer ao coaching nos próximos 3 a 5 anos?

- Em primeiro lugar, o mercado irá fazer a selecção natural, sobrevivendo os coaches profissionais altamente qualificados e profissionais;
- com o alcance da idade da reforma pelos Baby-boomers, os Millennials irão estar à frente das organizações com novas ideias e novos tipos de liderança, onde o trabalho com um coach fará cada vez mais sentido;
- os líderes dentro das organizações irão desenvolver competências de coaching e aqui refiro-me a gestores, professores e formadores, entre outros;
- o ensino do coaching vai fazer a deriva das escolas para as universidades, com todos os custos inerentes, e a investigação irá desenvolver-se e estabelecer-se numa base científica;
- a regulamentação vai surgir naturalmente, com o coaching a ser considerado uma profissão, sujeito a códigos de ética e a exigências por parte das entidades regulamentadoras, com benefícios para coaches e clientes (coachees) ao garantir qualidade dos serviços prestados e dos seus profissionais;
- o coaching *online* será a norma, com uma proliferação de *webinars* e com as sessões a serem tendencialmente mais curtas e visando em objectivos muito específicos. Por outro lado, os coaches poderão oferecer os seus serviços a nível internacional, de acordo com as suas competências e conhecimentos de línguas.

E, por fim,

- o crescimento imperativo do *mentoring* e da supervisão certificados, para responder à especialização dos coaches e à necessidade de avaliação.

As vantagens que daqui advêm são muito significativas tanto para coaches, como para coachees:

- Coaches profissionais, qualificados e certificados;
- qualidade do coaching, em que a escolha de um coach far-se-á pela especialização do coach e pelas suas competências culturais e a nível de línguas;
- credibilização da investigação, demonstrando os resultados do coaching e potenciando o seu desenvolvimento;
- os clientes poderão ter coaches bilingues e com competências multiculturais.

O desafio para os coaches também vai aumentar, com:

- necessidade de formação contínua a nível não só do desenvolvimento das suas competências tradicionais em coaching, mas também em línguas, multiculturalidade e mesmo em neurociências;
- investimento na sua actualização e educação, bem como necessidade de ter um mentor ou supervisor;
- adesão às normas e regulamentação dos países onde prestam os seus serviços.

E se actualmente já se reconhece o coaching como profissão e os líderes procuram desenvolver as suas competências em coaching, fruto do surgimento de novos tipos de liderança nas organizações, o futuro próximo irá garantir o seu desenvolvimento desde a formação dos seus profissionais no ensino superior, a investigação nas universidades e o desenvolvimento e crescimento de *mentoring* e supervisão de coaching.

No fundo, tudo boas notícias, num mercado altamente competitivo e em crescimento.

Emília Alves

Sobre a autora:

Emília Alves



Emília Alves inicia a sua vida profissional aos 23 anos, após terminar a Licenciatura em Línguas e Literaturas Modernas – Estudos Ingleses e Alemães, passando pela indústria farmacêutica, por PME/empresas familiares, e em 1987 inicia o seu percurso na Hotelaria.

Em 1995 termina o *Master Business Communication and Public Relations* na *European University*, ingressa no ensino Superior como Docente do *IPAM – Instituto Português de Administração de Marketing*, onde leciona até final de 2004, tendo sido convidada para docente na *FCSH da Universidade Nova de Lisboa*, após conclusão do Mestrado em Ciências da Comunicação.

A necessidade de se credenciar como Coach *ICF* leva-a a prosseguir a sua formação com um *Programa Internacional de Coaching Ejecutivo y Liderazgo Estratégico por Valores*, na *Universidad Carlos III*, em Madrid no Verão de 2012, e hoje é ACC, dedicando a sua vida ao coaching e à consultoria.